

**BIBLIOTERAPIA PARA CRIANÇAS INTERNADAS NO HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO DA UFSC: uma experiência**
*BIBLIOTHERAPY FOR INTERN CHILDREN AT THE HOSPITAL
UNIVERSITARY OF UFSC: an experience*

Clarice Fortkamp Caldin
Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina
Professora do Departamento de Ciência da Informação da
Universidade Federal de Santa Catarina
e-mail: claricef@matrix.com.br

RESUMO

Biblioterapia desenvolvida por professora e alunos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina junto a crianças hospitalizadas. O objetivo primário foi humanizar o processo de tratamento das crianças realizando a leitura de histórias com propósitos terapêuticos. Como metodologia, procedeu-se à leitura em grupo e à leitura individual. Utilizou-se alguns recursos lúdicos como música, dramatização, “contação” e gravuras. A avaliação baseou-se no resgate das impressões das crianças acerca das histórias lidas, em observações da coordenadora do programa de leitura, em depoimentos dos acadêmicos colaboradores do projeto biblioterapêutico e da psicóloga da Divisão Pediátrica do Hospital. Os resultados obtidos confirmaram que a biblioterapia conduz à pacificação das emoções pela satisfação das necessidades estéticas.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioterapia. Leitura - função terapêutica. Crianças hospitalizadas - leitura. Crianças hospitalizadas – biblioterapia. Catarse.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo relata a experiência do projeto de extensão universitária *Biblioterapia: programa de leitura para crianças internadas no Hospital Universitário*, coordenado pela professora Clarice Fortkamp Caldin, do Departamento de Ciência da Informação (CIN) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e executado com a colaboração de acadêmicos das diversas fases do Curso de Biblioteconomia da referida instituição de ensino. Inicialmente o projeto estava previsto para ser efetuado de agosto a dezembro de 2001, mas, devido à greve dos servidores e professores da UFSC, foi realizado em agosto de 2001 e de março a maio de 2002.

Tal projeto foi desenvolvido respaldado no *Curso de Biblioterapia*, ministrado pela mesma professora aos acadêmicos, o qual forneceu o suporte teórico necessário às atividades biblioterapêuticas colocadas em prática na Divisão Pediátrica do Hospital Universitário (HU) da UFSC.

Como as crianças internadas encontram-se afastadas do lar, da escola e dos amigos, apresentam-se em situação de fragilidade física e emocional. Acreditou-se que o programa de leitura dirigida – biblioterapia – poderia ajudá-las a superar o medo, a angústia, a tristeza, o desalento e a ansiedade que acompanham a doença. Pretendeu-se proporcionar alívio, serenidade e consolo à comunidade infantil que se encontra hospitalizada, bem como diminuir o *stress* dos acompanhantes.

O artigo encontra-se estruturado de forma a contemplar uma fundamentação teórica da biblioterapia, os objetivos do projeto desenvolvido com as crianças no HU, a metodologia adotada no projeto, a forma de execução das atividades, depoimentos dos acadêmicos envolvidos no projeto, depoimento da psicóloga da Divisão Pediátrica do HU, avaliação da coordenadora do projeto e observações finais.

Espera-se que o relato sirva para subsidiar o trabalho de todos os bibliotecários que pretendam desenvolver a biblioterapia em ambiente hospitalar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA BIBLIOTERAPIA

De acordo com Patte (apud PONDÉ, 1985, p. 26), “a leitura libera a angústia, à medida que revela e faz viver medos e desejos que uma vez expressos, são melhor dominados”.

Assim, processa-se a *catarse*, ou seja, a pacificação das emoções. Esse apaziguamento das emoções foi ressaltado por Aristóteles (1966) ao analisar a tragédia e verificar que o prazer sentido pelo espectador frente a uma representação teatral dessa espécie literária proporcionava-lhe alívio das pressões da vida diária. Segundo Freire (1982, p. 149), “da flexibilidade e do extraordinário potencial da *catarse*, se origina o facto de a função catártica se haver tornado extensiva a toda expressão artística e literária”.

Portanto, mesmo os textos literários que não são dramáticos podem ser catárticos. Tudo o que se necessita é depurá-los de qualquer excesso, para que causem um efeito moderador nos conflitos – pois a *catarse* é a justa medida dos sentimentos – modera os sentimentos, produzindo-os.

Não se pode esquecer, também, a finalidade terapêutica do riso, da identificação, da introjeção e da projeção, destacadas por Freud (197-?) e resgatadas por Caldin (2001a), em artigo Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.14, p.38-54, 2002.

anterior. Vale lembrar que o pai da psicanálise atribuiu ao humor a capacidade de transformar o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. Vale destacar, também, que o conceito de identificação é um dos mecanismos psicológicos centrais na obra de Freud e que o psicólogo utilizou o termo projeção para explicar diferentes manifestações da psicologia normal e patológica e atribuiu à introjeção e à projeção um papel essencial no estudo da oposição ego/mundo exterior.

Ao trabalhar em torno do pensamento de Aristóteles e de Freud em sua tese de doutorado, Shrodes (1949) desenvolveu um trabalho prático de leitura com finalidade terapêutica. Shrodes sugeriu que as experiências formadoras do ser humano incluem a poesia, o drama e o romance – consistindo o homem em um produto de sua experiência total de vida. As teorias apresentadas na tese enfocam os indivíduos como personalidades integradas e, portanto, a criança deveria ser vista como um todo e educada emocional e intelectualmente. A literatura ficcional agiria como um meio de afetar o ajustamento total do indivíduo e a introspecção do texto lido atuaria como meio por excelência para efetuar mudanças.

Caldin (2001b), em sua dissertação de mestrado, teve a oportunidade de analisar vários projetos de leitura e de “contação” de histórias para crianças desenvolvidos no Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no Hospital Dona Helena e no Hospital Municipal São José, em Joinville. Verificou que, além de proporcionar a catarse, a identificação, a projeção, a introjeção e a introspecção, tais atividades também despertavam o gosto pela leitura e pela literatura infantil.

3 OBJETIVOS DO PROJETO DESENVOLVIDO COM AS CRIANÇAS NO HU

A internação pediátrica do HU conta com 30 leitos, sendo 12 para lactentes, 12 para pré-escolares e 6 para escolares. As crianças ficam internadas por cerca de 7 a 10 dias, sendo que a maioria se beneficia da presença de um acompanhante – um dos genitores ou outro familiar. Além desses leitos, a Divisão de Pediatria dispõe de mais 5, para crianças que se encontram em observação por um período de 24 horas.

Observa-se que, cada vez mais, o fator emocional é levado em conta na luta contra as enfermidades e a humanização vem revolucionando os antigos métodos de tratamento. Por

esse motivo, o objetivo primário do projeto foi promover a leitura de histórias com propósitos terapêuticos entre as crianças hospitalizadas.

Como o texto literário, seja prosa ou poesia, seja drama ou comédia, realiza uma terapia por meio das palavras lidas ou ouvidas, buscou-se, como objetivos secundários no projeto *Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC*, os seguintes:

- a) favorecer a identificação das crianças com as personagens das histórias;
- b) possibilitar a introjeção e a introspecção entre as crianças em idade escolar;
- c) ajudar as crianças a entender melhor suas limitações, reações, conflitos e frustrações;
- d) facilitar a comunicação das crianças com a equipe médica;
- e) aumentar a auto-estima, diminuir a timidez e estimular a criatividade das crianças;
- f) aliviar as tensões diárias;
- g) facilitar a socialização pela participação em grupo;
- h) diminuir a ansiedade das crianças pela satisfação das necessidades estéticas;
 - i) ajudar os ouvintes a usufruir a experiência vicária;
- j) criar um universo independente da vida cotidiana;
- k) auxiliar as crianças na adaptação à vida hospitalar;
- l) diminuir o *stress* dos acompanhantes;
- m) processar a catarse aos leitores e aos ouvintes por meio de textos literários infantis.

4 METODOLOGIA ADOTADA NO PROJETO

O primeiro passo foi entrar em contato com o Dr. João Carlos Xikota, Chefe do Serviço de Pediatria e com a Dra. Maria Marlene de Souza Pires, Chefe da Divisão de Pediatria, do Hospital Universitário. Obtido o consentimento para executar as atividades de biblioterapia com as crianças internadas, buscou-se parceria com a psicóloga da ala infantil, Claudete Marcon.

Realizados todos os acertos com a psicóloga a respeito da seleção das histórias, participantes do projeto e horário adequado às atividades, a metodologia adotada constituiu-se em:

- a) contatos sistemáticos com a psicóloga e a chefe de enfermagem da Divisão Pediátrica;
- b) reconhecimento do local das atividades lúdico-terapêuticas;
- c) conversa com as crianças para saber suas preferências de leitura;
- d) busca de colaboração dos pais ou acompanhantes nas atividades;

- e) participação de 9 acadêmicos do Curso de Biblioteconomia, matriculados no Curso de extensão *Biblioterapia*, ministrado pela autora e coordenadora do projeto, nas atividades terapêuticas de leitura das histórias;
- f) participação de 2 estagiárias do Curso de Psicologia, no auxílio às atividades lúdicas de desenhos e pinturas;
- g) utilização de um Plano de Atividades de cada sessão de biblioterapia;
- h) organização de um registro diário das atividades;
- i) avaliação constante das atividades, por meio de depoimentos das crianças, dos pais, dos enfermeiros, da psicóloga, dos acadêmicos e observações da coordenadora do projeto;
- j) leitura em voz alta pela coordenadora e/ou acadêmicos de Biblioteconomia em duas etapas: a primeira, em grupo para as crianças que podiam se locomover até a Sala de Recreação ou o corredor da Divisão Pediátrica, e, a segunda, leitura individual para as crianças que se encontravam nos leitos, sem condições de locomoção;
- k) conversa informal com as crianças e seus acompanhantes antes e depois da leitura, para criar um clima de envolvimento;
- l) resgate das impressões das crianças acerca das histórias;
- m) encontros diários com as crianças, para a leitura das histórias.

5 FORMA DE EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Necessário se torna enfatizar que as atividades biblioterapêuticas no HU processaram-se com embasamento teórico fornecido pelo Curso de *Biblioterapia*, ministrado todas as 4^a. feiras, em agosto de 2001 e de janeiro a de maio de 2002, com carga horária de 4 h/a semanais e 80 h/a semestrais. O objetivo de tal Curso foi capacitar o acadêmico de Biblioteconomia a utilizar a leitura como função terapêutica.

Para que se cumprisse o proposto, o conteúdo programático do Curso contemplou, na parte teórica: conceito, histórico, tese central e fundamento filosófico da biblioterapia; o método biblioterapêutico; e, aplicações da biblioterapia. Na parte prática, os acadêmicos organizavam um plano de atividades para cada sessão de biblioterapia, que incluía: nome do aluno; nome da coordenadora; referência e resumo da história selecionada, motivo da escolha da história (realiza a catarse; permite a identificação, a projeção, a introjeção; favorece a introspecção; contém humor); metodologia adotada; recursos empregados; expectativas em relação às atividades a serem executadas e observações após a execução das mesmas. A coordenadora

Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.14, p.38-54, 2002. 42

do Curso organizou um registro diário das atividades, para posterior auxílio na avaliação das sessões.

A seleção das histórias foi realizada em sala de aula. O acadêmico tinha liberdade de escolha, desde que justificasse sua validade e pertinência como terapêuticas. Após a preparação do texto literário infantil e a decisão sobre a metodologia (leitura, “contação”, dramatização, mescla) e os recursos utilizados, apresentava a história à coordenadora e aos colegas do Curso, para avaliação da leitura e /ou performance e legitimidade da função terapêutica. O texto literário foi disponibilizado às crianças internadas somente após passar por esse crivo avaliatório. Esclarece-se que a grande rotatividade das crianças hospitalizadas tornou possível que a mesma história fosse apresentada em diferentes ocasiões.

Cumprir explicar que a falta do domínio do código escrito, a ausência do hábito de ouvir histórias e a pouca idade da maioria do público-alvo, exigiram que algumas vezes a leitura fosse substituída pela “contação” das histórias, e outras vezes, que fosse acompanhada de diversos recursos lúdicos como música, dramatização ou gravuras. Cumprir explicar, também, que o diálogo biblioterapêutico processou-se em paralelo aos desenhos e às pinturas realizadas pelas crianças. Um traço colorido sobre a folha de papel, tentando reproduzir uma cena ou personagem da história, servia de indicação de que as crianças interagiram com o texto e esqueceram por instantes a doença.

Foi organizado um cronograma para as atividades no Hospital. Em dupla, quase sempre formada pela coordenadora e o acadêmico responsável pela atividade do dia, as sessões aconteciam em grupo, algumas vezes na Sala de Recreações e, em outras, no final do corredor da Divisão Pediátrica. As crianças sem possibilidade de locomoção recebiam tratamento individualizado. De início estava previsto para ser uma atividade de 2^a. a 6^a. feira. Contudo, em virtude de fatores externos como horário de trabalho da maioria dos acadêmicos, passou a ser realizada de 4^a. feira a domingo. O horário estipulado pelo Hospital era das 16:00 até 17:00 horas, depois da sesta e do lanche das crianças. Entretanto, como a cada dia as condições dos internados se modificava, cada sessão era ímpar. Assim, houve necessidade de flexibilizar o horário e adaptá-lo às necessidades e circunstâncias diárias, com o consentimento da chefia da enfermagem.

Deve-se esclarecer que antes do início das atividades biblioterapêuticas a psicóloga da Divisão Pediátrica proferiu uma palestra nas dependências do Hospital à coordenadora e

acadêmicos envolvidos no projeto, com o intuito de apresentar alguns problemas que provavelmente a equipe iria enfrentar no desenrolar das sessões. Atentou para o fato de que, muito embora a maioria das internações fosse social, casos patológicos existem que poderiam causar certo desconforto à equipe. Assim, a mesma deveria se preparar psicologicamente para encarar com profissionalismo as crianças portadoras de doenças mais graves, não demonstrando repulsa, compaixão ou medo de contágio. Destacou a precariedade do estado emocional das crianças internadas, a influência que o acompanhante exerce na recuperação da enfermidade e na adaptação à vida hospitalar, e, a desnutrição como fator principal da internação em virtude da baixa condição sócio-econômica, causadora da apatia e irritação da maioria das crianças hospitalizadas.

Mesmo de posse dessas informações, algumas vezes as atividades biblioterapêuticas se configuraram como momentos penosos, conquanto gratificantes. Dois casos em especial devem ser citados. O primeiro, de uma menina colocada em quarto de isolamento, ao qual a equipe tinha acesso apenas com a utilização de máscara protetora. Encontrava-se com a face deformada pela doença e estava perdendo gradativamente a visão. Exalava um odor desagradável no rosto que impregnava todo o ambiente. Esta menina, que não sabia ler, não tinha contato com as outras crianças internadas e vivia em um quarto quase escuro pela sua suscetibilidade à luz, aguardava com ansiedade a hora da história. Escutava atentamente a leitura, passava as mãos pelas figuras do livro, coloria desenhos e gravuras relativos à história, ria das passagens divertidas e conversava animadamente com a coordenadora ou acadêmico responsável pela atividade do dia. Outro caso a ser destacado é o de um menino com malformação congênita nas mãos e nos pés e coberto de feridas pelo corpo todo em virtude de sua pele ser extremamente fina e sensível ao toque. Muito embora tivesse motivos para desânimo, era uma criança sempre contente e disposta, que participava ativamente das sessões. A fragilidade do seu corpo físico jamais o impediu de escutar a leitura, cantar versinhos, deliciar-se com as dramatizações, gravuras e livros. A alegria e disposição desse menino foram fatores relevantes que levaram a equipe a persistir na atividade e a não se deixar intimidar por obstáculos que apareceram ao longo do percurso.

6 DEPOIMENTOS DOS ACADÊMICOS ENVOLVIDOS NO PROJETO

Todos os acadêmicos que participaram do projeto *Biblioterapia: programa de leitura para crianças internadas no Hospital Universitário*, deveriam apresentar um Relatório Final das atividades executadas. Muito embora 9 acadêmicos tenham efetivamente participado no Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.14, p.38-54, 2002. 44

programa de leitura para as crianças hospitalizadas, um deles não apresentou o Relatório Final. No Relatório deveria constar: introdução, revisão de literatura, relato das atividades biblioterapêuticas no HU, conclusão, referências e apêndices. Com esse instrumento, resgatou-se o depoimento de 8 alunos, que serão apresentados a seguir.

Claúdia Zambelli Mezalira, acadêmica da 4^a. fase do Curso de Biblioteconomia, adotou como metodologia de trabalho a leitura acompanhada de gravuras da história. Valeu-se dos seguintes textos infantis: *Nicolau tinha uma idéia* (de Ruth Rocha), *Os três porquinhos* (da Coleção Fábulas de Ouro), e *Maria-vai-com-as-outras* (de Sylvia Orthof). A acadêmica justifica ter optado por ler histórias simples e de enredo curto para evitar a dispersão ou o cansaço das crianças (MEZALIRA, 2002).

Segundo Mezalira (2002) as histórias despertaram o interesse das crianças e quase todas responderam as perguntas formuladas e desenvolveram as atividades propostas a partir das gravuras. Ficou satisfeita com o resultado obtido pela leitura dos textos e acredita ter acertado na escolha das histórias e na técnica empregada. Venceu o medo que sentia do ambiente hospitalar e define como gratificante o trabalho executado, pois pelo riso, pelo entusiasmo e pela animação das crianças com a leitura das histórias e com as gravuras apresentadas, verificou que a biblioterapia alivia o quadro emocional do enfermo.

Élia Mara Magalhães Brites, acadêmica da 4^a. fase do Curso de Biblioteconomia, mesclou leitura com dramatização e valeu-se do livro impresso, do livro de pano, de figuras, de bonecos e de máscaras na suas atividades de biblioterapia. Selecionou as seguintes histórias: *Cinderela* (da Coleção Clássicos Infantis), *João e o pé de feijão* (da Coleção Fábulas de Ouro), *Rapunzel* (da Coleção Fábulas de Ouro), *Branca de Neve e os sete anões* (da Coleção Clássicos Disney), *Leonora Cenoura* (de Valéria Íris), *O veterinário maluco* (de Nilton Camargo), e, *A galinha ruiva* (da Coleção Clássicos Disney). Justifica ter escolhido contos de fadas e contos de animais pelo fato de proporcionarem a catarse e atuarem como um bálsamo às mentes infantis (BRITES, 2002).

De acordo com a acadêmica, o livro de pano chamou a atenção das crianças que, oriundas de famílias de baixa renda, não o conheciam. Tal livro despertou sobremaneira a curiosidade dos ouvintes e permitiu-lhe realizar a dramatização paralela à leitura, com resultados satisfatórios. A aluna percebeu que houve boa receptividade às suas sessões de leitura, pois as crianças manifestavam alegria e descontração com sua chegada ao local. Observou que há grande

carência afetiva entre as crianças hospitalizadas e que a equipe de contadores/leitores proporcionou-lhes momentos afetivos e carinhosos que, aliados à história, faziam da biblioterapia um instrumento útil na recuperação da auto-estima dos pequenos internados (BRITES, 2002).

Felícia de Oliveira Fleck, acadêmica da 2^a. fase do Curso de Biblioteconomia, utilizou, como metodologia, a leitura com apresentação de gravuras, e, a música em uma versão da *Bela Adormecida* em forma de cantiga de roda. Escolheu para a atividade de biblioterapia os seguintes textos literários: *Chapeuzinho Preto* (de Lúcia Pimentel Góes), *Maria-vai-com-as-outras* (de Sylvia Orthof), *A Linda Rosa Juvenil* (canção infantil), e, *A margarida friorenta* (de Fernanda Lopes de Almeida). Optou por narrativas leves e agradáveis que pudessem ocasionar a catarse, que favorecessem a participação dos pequenos, que trabalhassem a desinibição, e, que estimulassem a alegria, a espontaneidade e a extroversão (FLECK, 2002).

Para Fleck (2002) foi animador usar o livro como recurso terapêutico. Sentiu dificuldades em verificar a abrangência dos resultados obtidos pela impossibilidade de acompanhamento aos pacientes, tendo em vista a rotatividade dos mesmos. Percebeu, contudo, alguns efeitos benéficos da biblioterapia, quais sejam, o despertar nas crianças o interesse pelo livro, o elo afetivo criado entre leitor e ouvinte e a sensibilização das crianças pelas mensagens dos textos. Sugere que se implantem mais programas de leitura orientada, voltados a outros hospitais da cidade e, também, outros programas que atinjam os idosos e que possam ser desenvolvidos em asilos.

Laura da Rocha Fischer, acadêmica da 4^a. fase do Curso de Biblioteconomia escolheu a “contação” como metodologia para as sessões de biblioterapia. Selecionou as seguintes histórias: *O Vira-Casaca* (de Sonia Rinaldi), *Os músicos de Bremen* (da Coleção Classic Stars) e *Pinóquio* (da Coleção Fabulândia). Optou por textos curtos, de fácil compreensão, que permitissem a identificação das crianças com as personagens, que transmitissem valores e que conduzissem à alegria através da fantasia (FISCHER, 2002).

A aluna acredita que os contos possam ajudar na amenização das tristezas e servir de consolo ao público infantil hospitalizado. Destaca a responsabilidade do bibliotecário em apresentar o livro e a leitura de forma prazerosa e em escolher textos que sejam do interesse do ouvinte. Considera a leitura como fator primordial na construção da personalidade e insere-a como componente básico da infância (FISCHER, 2002).

Marian Luzi Koepp Pacheco, acadêmica da 5^a. fase do Curso de Biblioteconomia valeu-se da leitura, “contação” e dramatização dos textos infantis. Complementou suas sessões com balões coloridos, gravuras, bichinhos de pelúcia e lembrancinhas que eram ofertadas às crianças. Selecionou os contos: *Seu Feliz* (de Roger Hargreaves), *O patinho feio* (da Coleção Histórias Disney), *Três ursinhos e Cachinhos Dourados* (da Coleção Histórias Disney), *Um elefante em busca de amigos* (de Ilton Shmitz) e *Pinóquio* (da Coleção Paraíso da Criança). A escolha por tais textos deu-se por acreditar que os mesmos contribuíssem para o crescimento emocional das crianças, por favorecer a interação entre as diversas faixas etárias, por envolver os pais no diálogo após a leitura, pelo fato do conteúdo das histórias valorizarem a família e os amigos, por favorecer a introspecção e a identificação com as personagens, por realizar a catarse, e, alguns dos textos, por conterem humor e proporcionarem momentos alegres e descontraídos aos pequenos enfermos (PACHECO, 2002).

Segundo a acadêmica, as histórias despertam as emoções, semeiam a imaginação e estimulam a criatividade, além de servirem como ferramenta na construção do senso crítico. Assim, a leitura ou a “contação” de textos literários pode e deve ser realizada mesmo antes da alfabetização. Observou que as crianças pequenas, com menos de um ano, também prestavam atenção à leitura e gostavam do colorido das gravuras do livro, além de acompanharem com entusiasmo e curiosidade os movimentos dramáticos paralelos à “contação”. Acredita que os efeitos benéficos da biblioterapia possam ser melhor constatados em crianças que ficam internadas por um longo período, pois tal atividade alivia as tensões criadas pela rotina hospitalar que causam o *stress* tanto dos enfermos quanto dos acompanhantes. Sugere a continuação dessa prática, não só pelos resultados terapêuticos, mas, também, como primordial para despertar nas crianças o gosto pela leitura (PACHECO, 2002).

Marciéli de Oliveira, acadêmica da 5^a. fase do curso de Biblioteconomia, desenvolveu suas atividades de biblioterapia por meio da leitura, da “contação” e da dramatização das histórias escolhidas, que foram: *Seu Feliz* (de Roger Hargreaves), *Os três porquinhos* (da Coleção Fábulas de Ouro), *Um elefante em busca de amigos* (de Ilton Shmitz), *A Bela Adormecida* (da Coleção Fábulas de Ouro), e, *Chapeuzinho Vermelho* (da Coleção Clássicos Infantis). Valeu-se de dedoches, gravuras coloridas presas em palitos, bichinhos de pelúcia, desenhos, cartazes e bolas de gude. Preparou, como lembrança, pequenos broches com os dizeres *Eu Sou Feliz*, da história *Seu Feliz*. Suas expectativas foram a de trazer um pouco de alegria às crianças, levá-las a interagirem com as histórias, fazer com que se identificassem com as

personagens, estimular a criatividade e a imaginação infantil e realizar a catarse por meio de textos apresentados de um modo agradável (OLIVEIRA, 2002).

Para Oliveira (2002), a biblioterapia realmente auxilia na recuperação de pacientes internados. Considera gratificante a experiência no HU, pois, ao utilizar a leitura como função terapêutica, tornou possível a interação das crianças com as histórias lidas ou contadas e proporcionou uma forma de as crianças perderem a timidez e exporem seus problemas. Nutre a esperança de que os bibliotecários percebam a importância da biblioterapia não só para os ouvintes, mas, também, para o crescimento pessoal e profissional do leitor.

Silvana Beatriz Bueno, acadêmica da 6ª. fase do Curso de Biblioteconomia, utilizou, como metodologia, a leitura, a “contação” e a dramatização, empregando como recursos lúdicos figuras para colorir, fantoches de papel, brincadeiras com carretéis, desenhos em cartolina e bichinhos de plástico. As histórias que selecionou como apropriadas ao público-alvo foram: *O Joelho Juvenal* (de Ziraldo), *Chapeuzinho Amarelo* (de Chico Buarque), *O Carretel Encantado* (de 365 Histórias da Vovozinha), *A Bela Adormecida* (da Coleção Clássicos Infantis), e, *Os músicos de Bremen* (da coleção Fábulas de Ouro). Suas expectativas foram: desenvolver atividades de desenhos e pinturas para verificar como as crianças interpretaram a história, ajudar a desmistificar o medo infantil, favorecer a socialização e ajudar no processo imaginativo pelo uso de textos ficcionais instigantes (BUENO, 2002).

De acordo com Bueno (2002), alguns efeitos benéficos da biblioterapia aplicada às crianças internadas no HU puderam ser percebidos: o alívio das tensões, angústias e medos, o auxílio ao crescimento emocional e psicológico, o desenvolvimento da imaginação e o favorecer quiçá a introspecção. Notou que houve mais receptividade das crianças e dos pais nas atividades de leitura com a continuidade das sessões. Considera a biblioterapia uma ferramenta útil à semiologia e concebe a parceria entre bibliotecário e a equipe médica como indispensável no processo saúde-doença. Acredita que o bibliotecário possa detectar alguns problemas dos enfermos nas ocasiões em que realiza a leitura dirigida e, ao repassá-los aos médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas ou assistentes sociais, contribua para sanar parte das enfermidades físicas e psicológicas. Sugere a aplicação da biblioterapia em outros ambientes, tais como nas creches, nas escolas e nos lares, pois entende que seus benefícios se estendem por logo prazo.

Vandereli Ricken, acadêmico da 2ª. fase do Curso de Biblioteconomia, utilizou a leitura e a música como metodologia, valendo-se das ilustrações do livro, da flauta, desenhos em cartolina e ilustrações em tamanho grande como recursos lúdicos. Os textos que selecionou foram: *O flautista de Hamelin* (da Coleção Fábulas de Ouro), *A formiguinha e a neve* (de João de Barro), *O soldadinho de chumbo* (da Coleção Fábulas de Ouro), e, *A flor* (de Tenê).

Justifica o uso de tais histórias por realizarem a catarse, permitirem a identificação com as personagens, e, favorecerem a introspecção. Seu objetivo principal foi deixar as crianças felizes com as músicas tocadas na flauta no decorrer das histórias (RICKEN, 2002).

RICKEN (2002) acredita que a leitura tenha a capacidade de fazer o leitor passar por experiências extraordinárias e considera válida sua vivência no HU por proporcionar-lhe a oportunidade de utilizar diversos recursos estéticos na atividade de biblioterapia. Recomenda que o leitor ou o contador prepare sempre mais de uma história para cada sessão, caso o público ouvinte pertença a diferentes faixas etárias. Sugere que o bibliotecário utilize algum recurso visual ou sonoro em paralelo à leitura ou a “contação” e que deixe algo como lembrança para prolongar o efeito da história.

Todos os acadêmicos engajados no projeto de leitura orientada às crianças no HU sentiram-se gratificados com a experiência. No Relatório Final revelam que a teoria apreendida no *Curso de Biblioterapia* foi necessária ao bom andamento das sessões. Seus depoimentos acerca dos efeitos salutares da biblioterapia corroboram que existe de fato uma terapia por meio da leitura e destacam o papel do bibliotecário como parceiro da equipe médica no processo saúde-doença em pacientes hospitalizados.

7 DEPOIMENTO DA PSICÓLOGA DA DIVISÃO DE PEDIATRIA DO HU

Cumprе esclarecer que a psicóloga acompanhou de perto as atividades biblioterapêuticas apenas antes da greve na UFSC. Entretanto, não esteve alheia ao que acontecia na Divisão de Pediatria no restante dos meses em que se desenrolou o programa de leitura. Quase todas as 5ª. feiras a coordenadora do programa reunia-se com a psicóloga para troca de idéias a respeito dos efeitos terapêuticos das histórias nas crianças internadas.

Ao ser solicitada a dar seu depoimento acerca da atividade de biblioterapia realizada na ala pediátrica do HU, a psicóloga enviou-o via correio eletrônico.

O resgate de suas impressões e observações incidiu sobre o acompanhamento das duas crianças citadas anteriormente: a menina colocada em quarto de isolamento e o menino com malformação congênita nas mãos e nos pés, visto terem ambos ficado internados por um longo período, quase todo o tempo em que se processou o programa de leitura.

MARCON (2002) considera que a atividade de biblioterapia foi uma iniciativa interessante e serviu para unir conhecimentos já utilizados a outros procedimentos, como a leitura ou a “contação” de histórias, até então pouco empregados, no restabelecimento físico das crianças. Reconhece que a biblioterapia colocada em prática no HU apresentou uma perspectiva diferente do uso cotidiano do contar histórias. Lembra que, devido a rotatividade das crianças internadas, muitas delas não tiveram a oportunidade de participar em todas as sessões de leitura e, também, não foi possível fazer um acompanhamento psicológico que verificasse até que ponto se estenderam os efeitos terapêuticos das histórias. Considera válida a leitura de contos para que as crianças se esqueçam da condição de enfermas e se sintam relaxadas ao escutar uma narrativa ficcional. Destaca que os estudos realizados a respeito apontam que atividades recreativas e lúdicas são responsáveis pela ativação de recursos do organismo e liberação de substâncias que atenuam a dor, sendo, portanto, tais atividades, terapêuticas.

A psicóloga esclarece que as histórias, para atuarem com valioso recurso terapêutico, devem ser escolhidas de acordo com as características de cada pessoa, e atenderem aos problemas individuais (MARCON, 2002).

8 AVALIAÇÃO DA COORDENADORA DO PROJETO DE LEITURA NO HU

A coordenadora utilizou como metodologia de trabalho apenas a leitura e valeu-se das ilustrações do livro como recurso visual. Mesclou contos de fadas com contos de animais, contos tradicionais com contos modernos. Assim, apresentou às crianças as histórias: *Chapeuzinho Vermelho* (da Coleção Clássicos Infantis), *Chapeuzinho Amarelo* (de Chico Buarque), *A bela e a fera* (da Coleção Classic Stars), *As férias da Bruxa Onilda* (de E. Larreula e R. Capdevila), *Uxa, ora fada, ora bruxa* (de Sylvia Orthof), *Ieda, a moça do cavalo do circo* (de Maria Clara Machado), *O pavão do abre-e-fecha* (de Ana Maria

Machado), *Pato magro e pato gordo* (de Mary e Eliardo França), *O gatinho trapalhão* (de Doris Beling Quintella) e, *O caracol* (de Mary e Eliardo França). Diversificou os contos para atender às diferentes faixas etárias e para contemplar enredos que contivessem humor, favorecessem a introspecção, ocasionassem a identificação, proporcionassem a projeção e a introjeção e que causassem a catarse.

Conquanto a equipe (professora e acadêmicos) tenha feito o máximo para atingir a todos os ouvintes, não foi possível averiguar a fundo os problemas particulares. Procurou-se conversar com as crianças e seus acompanhantes antes e depois da leitura, para colher informações acerca das preferências de histórias e resgatar suas impressões sobre a mesma, com a finalidade de cumprir os objetivos propostos na atividade.

A equipe teve sempre em mente que os textos infantis são um instrumento poderoso para aliviar as tensões diárias e para proporcionar a experiência vicária. Vivenciando em segurança as travessuras das personagens, as crianças criavam um universo totalmente diferente da rotina hospitalar, o que lhes assegurava a diminuição do *stress*. Ao projetarem seus medos nas personagens, livravam-se de muitas angústias e pavores, pelos menos momentaneamente. Ao introjetarem a coragem, a audácia e os sucessos das personagens, adquiriam a certeza de elas mesmas poderem sair vencedoras da situação difícil em que se encontravam.

O objetivo primário do projeto foi atingido, pois se constatou que a leitura ou a “contação” de textos literários infantis tiveram efeitos terapêuticos, ao humanizar o processo de tratamento de crianças hospitalizadas. O resgate do sonho e do encantamento do mundo da literatura forneceu um suporte emocional às crianças e corroborou a idéia de que toda experiência poética é catártica.

Observou-se que, devido à heterogeneidade das faixas etárias, alguns objetivos específicos se concretizaram em crianças em idade escolar, outros, em crianças menores e alguns, nos pais ou acompanhantes. Cumpre salientar que a catarse esteve sempre presente e atuou tanto na psique do público-alvo, quanto dos leitores.

Constatou-se, com agradável surpresa, que as crianças começaram a se interessar pelo objeto livro. Existe um pequeno acervo infantil na Sala de Recreações que até então fora desprezado. Com as sessões de biblioterapia, as crianças foram estimuladas para a leitura. As alfabetizadas emprestavam livros para lerem em seus quartos, quando a Sala de Recreações encontrava-se fechada. As crianças menores pediam para que os acompanhantes lhes

contassem histórias, fora do momento das atividades. Algumas chegavam a exigir um livro como presente, seja dos pais, seja da equipe do projeto. Dessa forma, foi despertado o gosto de ler e atingiu-se um objetivo a mais do que o esperado.

O programa de leitura às crianças internadas no HU foi uma experiência valiosa a todos os envolvidos no projeto e merece ser repetida.

9 OBSERVAÇÕES FINAIS

No primeiro momento, que se processou em agosto de 2001, houve efetiva participação da psicóloga da Divisão Pediátrica e de duas estagiárias do Curso de Psicologia da UFSC. Essa parceria possibilitou maior colaboração da equipe de enfermagem. Assim, na hora da leitura da história, não havia interrupções para ministrar medicamentos ou realizar algum exame médico. Os pais ou acompanhantes recebiam orientações das estagiárias de psicologia antes da hora da leitura para não interferirem no andamento do trabalho e atendiam a este apelo. Após a leitura, as estagiárias auxiliavam nas atividades lúdicas paralelas. Tal envolvimento de duas áreas distintas mas afins, como Biblioteconomia e Psicologia, proporcionou a todos envolvidos no processo o aprimoramento do espírito de equipe necessário à execução das sessões e a certeza de que é no entrelaçar de forças que a humanidade desenvolve todo seu potencial.

No segundo momento, que aconteceu de março a maio de 2002, motivos pessoais impediram a participação tanto da psicóloga quanto das estagiárias de Psicologia. Dessa forma, o projeto prosseguiu sem a parceria do HU. Professora e alunos do Curso de Biblioteconomia sentiram diferença no tocante à colaboração da equipe de enfermagem. Muitas vezes as crianças foram surpreendidas no meio da história para receberem medicamento (e quão sofrido era quando se tratava de injeção!). Em algumas ocasiões, as mães interrompiam a sessão, se colocavam na frente do leitor, falavam alto e perturbavam o bom andamento da atividade. Foi necessário muito tato para resolver esses casos, e, depois de resolvido, havia-se perdido o clima da hora da história. Acontecia, então, a dispersão da atenção das crianças e o encantamento precisava ser resgatado para que se processasse com bom êxito a biblioterapia.

Em que pese, entretanto, os problemas enfrentados, pode-se dizer com segurança que foi benéfico o programa de biblioterapia para as crianças internadas no HU. A hora da história era mágica: proporcionava uma viagem ao mundo do imaginário, onde bichos e fadas saltavam das páginas impressas e se misturavam aos meninos e meninas em um corredor de

hospital. O desconforto e a dor cediam lugar às risadas ante as passagens divertidas da história, em que personagens inquietas transformavam o impossível em verossímil e encantavam a todos com suas cabriolas. O universo ficcional com princesas, palácios, dragões e animais falantes, estabelecia um contraponto à realidade da criança. Assim, naquele instante da leitura do texto, abandonava-se a asséptica Sala de Recreação e embrenhava-se na floresta encantada cheia de perigos - e garantia-se, dessa maneira, a experiência vicária, a identificação com as personagens e o alívio das pressões emocionais.

Em um ensaio em que discute a relação dialógica entre o leitor e a leitura, Caldin (2001c, p. 9,10), lamenta o fato de que “mesmo considerada um direito de todos”, a leitura “não é acessível a todas as pessoas, inclusive crianças” e acrescenta que “essa não acessibilidade ao texto escrito impede que se desenvolva o prazer de ler e impede que o desejo de ler seja cultivado”.

Assim, o bibliotecário que se preocupa em atuar junto à infância no desenvolvimento de programas de leitura, tem, além do espaço da biblioteca pública e da biblioteca escolar, um outro: a ala pediátrica de hospitais. Que ele possa sentir a mesma satisfação que um dos participantes desse projeto, ao ouvir de uma mãe: “Essa é a primeira vez que alguém lê uma história para meu filho! Me dá seu autógrafo?”

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.
- BRITES, Élia Mara Magalhães. **Contando estória**. 2002. 26 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BUENO, Silvana Beatriz. **A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas**. 2002. 22 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**, n. 12, dez. 2001. Disponível em; < <http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 10 jun. 2002.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na Literatura Infantil**: (leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças). 2001. 261 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura e o leitor**: uma relação dialógica. São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários, 2001. (Ensaio APB, 92).
- FISCHER, Laura da Rocha. **Biblioterapia**. 2002. 22 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.14, p.38-54, 2002.

- FLECK, Felícia de Oliveira. **Relatório das atividades de biblioterapia**. 2002. 30 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FREIRE, António. **A catarse em Aristóteles**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1982.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Tradução de Odilon Gallotti et al. Rio de Janeiro: Delta, [197-?]. v.6.
- MARCON, Claudete. **Depoimento** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <claricef@matrix.com.br> em 13 jun. 2002.
- MEZALIRA, Cláudia Zambelli. **Biblioterapia**. 2002. 13 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- OLIVEIRA, Marciéli. **Relatório desenvolvido no Curso de Biblioteconomia**. 2002. 16 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PACHECO, Marian Luzi Koepp. **Relatório das atividades desenvolvidas no Curso de Biblioterapia**. 2002. 28 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PONDÉ, Glória. **A arte de fazer artes: como escrever histórias para crianças e adolescentes**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.
- RICKEN, Vanderlei. **Biblioterapia**. 2002. 23 f. Relatório Final do Curso de Biblioterapia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study**. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.

ABSTRACT

Bibliotherapy developed by professor and students from Course of Library-Science of Universidade Federal de Santa Catarina to hospitalized children. The first purpose was to humanize the process of treatment of children making the reading of stories with therapeutic purposes. The utilized methodology was the reading in group and individual reading. Some resources was utilized like music, dramatic art, storytelling and engraving. The appriser was founded on the ranson of children's impression about the stories that was read by that children, about observations of the coordinator of the reading program, in testimony of academics who give collaboration to the bibliotherapeutic project and the impression of the psychologist of paediatrics division of hospital. The results obtained confirms that bibliotherapy takes to the pacification of emotions by satisfaction of aesthetic needs.

KEYWORDS: Bibliotherapy. Reading-therapeutic function. Hospitalized children-reading. Hospitalized children-bibliotherapy. Catharsis.